

27-04-2021

Turismo, Capitalismo e Pandemia (I)

Erick Zickwolff

[Mestre em Turismo pela UFF. Docente da Faetec-RJ.
Turismólogo da Prefeitura de Macaé/RJ]

Quando Oscar Wilde afirmou que “definir é limitar”, ele falava de si próprio, da liberdade que experimentava ao não ter uma opinião formada sobre ele mesmo, e das possibilidades de poder mudar a cada instante. Concordo. Heráclito dizia que “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”, uma vez que suas águas e as margens que as contêm, além da própria pessoa que as atravessa, não serão as mesmas após a experiência de cruzá-las uma primeira vez. Parece fazer sentido. Entretanto, para que se consiga realizar o debate sobre um determinado assunto se faz necessário recorrer a uma conceituação básica que permita a compreensão da essência do objeto em questão.

Esta não é, todavia, uma ação de fácil execução, nem de aceitação irrestrita por parte de todos os envolvidos na discussão. Nos últimos dezoito anos venho me dedicando ao estudo do turismo e percebendo a multiplicidade de fenômenos que são abarcados sob esta denominação.

Sem a definição conceitual do que seja o turismo, é possível, como já o fizeram alguns autores, creditar as viagens em navios negreiros como exemplo de atividade turística, pelo simples fato de um grupo humano estar sendo deslocado de uma para outra região do planeta terra. Ou a fuga de Moisés do Egito, liderando seu povo em fuga, para longe da tirania do Faraó. É capaz, até, de alguém afirmar que Jesus fez um *city tour* com sua cruz pela Via Dolorosa ou que Colombo foi o pioneiro dos cruzeiros marítimos.

É necessário, portanto, o estabelecimento de um limite cognitivo para que se possa compreender tal atividade, inerente ao sistema capitalista e que se relaciona intrinsecamente com os deslocamentos humanos que contribuíram para a rápida difusão do coronavírus responsável pela pandemia da Covid-19. Sem isto, corre-se o risco da “viagem na maionese” ser designada como turística em breve. A atividade turística, como eu a compreendo, é fruto das mudanças sociais que tiveram início com o processo de globalização, no final do Século XV, através da chamada expansão marítima e comercial europeia e da revolução industrial, que trouxe em seu bojo o advento das ferrovias e embarcações a vapor e a ampliação da circulação de capitais, mercadorias e pessoas. Desta forma, classificar qualquer viagem anterior ao século XVIII como uma viagem turística seria incorrer em um anacronismo incauto, sendo mais lógico considerar uma parte dessas viagens apenas como antecedentes históricos da atividade turística moderna.

Outra distinção importante que se deve fazer entre uma “viagem” e uma “viagem turística” é que a primeira abrange todo e qualquer tipo de deslocamento humano, enquanto a última é um tipo específico de deslocamento.

Ou seja, o turismo é uma forma de viagem, mas não é a única. Por extensão, nem toda a viagem é uma viagem turística. Quando pensamos em uma tropa se movimentando para o *front* de uma batalha, em um grupo de médicos do Médecins Sans Frontiers indo combater uma epidemia de doença tropical na África, nos refugiados sírios lotando embarcações precárias na tentativa de atingir a costa da Itália, ou nos imigrantes ilegais do México rumo a fronteira dos Estados Unidos, nenhum deles está realizando uma viagem turística, pois seus deslocamentos não atendem às especificidades deste fenômeno. Assim, se faz necessário compreender quais são as características definidoras das viagens turísticas para que qualquer outra movimentação de pessoas pela geografia terrestre não seja confundida e erroneamente classificada como tal. A primeira delas é o seu caráter autônomo e consensual, ou seja, a viagem turística é feita de livre vontade, não podendo ser imposta (exceto no caso de menores e incapazes que precisam viajar para o mesmo destino a que seus responsáveis legais estiverem indo), cabendo ao turista escolher os locais que deseja visitar, os meios de hospedagem que irá utilizar e os transportes que serão usados para se chegar até lá. Portanto, se uma pessoa é obrigada a viajar – como o foram os africanos levados à força às Américas por europeus para serem escravizados – não está fazendo turismo.

Outra peculiaridade imprescindível da viagem turística é o deslocamento para fora do entorno habitual da pessoa. Assim, se alguém visita um atrativo turístico na própria cidade em que reside, trabalha ou possui algum vínculo relacional constante – namoro ou parentes – ao invés de turismo, está praticando uma atividade de lazer, um simples passeio, e não turismo. Isso se deve à familiaridade da pessoa com o lugar em questão. Sua vivência não deve ser equiparada com aquela que um turista experimenta, ainda que se trate de experimentar sensações bastante similares. Mais um ponto importante diz respeito à duração de uma viagem turística. Segundo a Organização Mundial do Turismo, órgão da ONU, para ser considerado turista um indivíduo precisa pernoitar na localidade visitada ao menos um dia e não pode ultrapassar um ano de estadia, o que seria fixar residência. Por fim, exercer uma atividade remunerada enquanto viaja, ou no local para o qual se viaja descaracteriza sua intencionalidade turística.

Pilotos de avião, motoristas de ônibus, comissários de bordo, tropas militares em trânsito, guias de turismo, e qualquer trabalhador que cotidianamente se desloque para outra cidade para trabalhar, nenhum deles está fazendo turismo. Mas por que não? Vários pequenos argumentos podem se somar para tentar responder a esta pequena e

ardua questão:

continua

a) A pessoa em questão não é percebida pelos habitantes do local como uma turista, já que vive ali ou está constantemente presente por motivos afetivos ou laborais.

b) Ela dificilmente utilizará meios de hospedagem e serviços próprios ofertados aos turistas, como guias de turismo, agências de viagem, seguros-viagem, *city tours*, *transfers*, dentre outros.

c) Mesmo visitando um atrativo turístico local pela primeira vez, ainda que experimente uma sensação de estranhamento ou encantamento similar ao do turista, tal pessoa está familiarizada com seus arredores, com as práticas de convivência e a língua locais, possuindo, portanto, uma segurança subjetiva muito mais ampla. Desta forma, fica patente que não é necessário ser um turista para que alguém possa ter acesso a um local turístico, que o digam os trabalhadores do ramo.

d) Por que o termo “lazer” parece muito mais apropriado para definir atividades lúdicas, passeios ou a apropriação espacial da cidade em que se vive ou trabalha, do que o termo turismo, uma vez que viajar não é uma ação definidora de lazer, mas é de turismo.

Com estas premissas básicas, estamos aptos a seguir em nosso debate acerca da relação entre o turismo, o capitalismo e a pandemia que assola o mundo atualmente. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.